

NOTÁVEL LÁPIDE PROTO-HISTÓRICA DA HERDADE DA ABÓBADA — ALMODÓVAR

(PRIMEIRA NOTÍCIA)

Por

MARIA MANUELA ALVES DIAS E LUÍS COELHO

Nos princípios de Fevereiro do presente ano, foi descoberta na herdade da Abóbada, freguesia de S. Sebastião de Gomes Aires, concelho de Almodôvar, uma lápide com inscrição em caracteres do SW e com a representação de uma figura humana provàvelmente um guerreiro, segurando armas.

Para além do interesse que tem o texto desta inscrição, do qual posteriormente publicaremos um estudo, a representação do «guerreiro», pelo seu ineditismo, impõe que, desde já, façamos esta breve notícia.

1. O ACHADO

Descoberta na herdade da Abóbada, pelo sr. Joaquim Miguel, em 7 de Fevereiro de 1972, quando da lavra dum pequeno cabeço, esta lápide foi imediatamente alvo das atenções do descobridor e de seu pai, o sr. Manuel Joaquim Basílio, que verificaram estar a pedra a cobrir a boca de uma vasilha cerâmica que continha cinzas, e que a face epigrafada se encontrava voltada para baixo, isto é, sobre a vasilha, aliás, directamente sobre a vasilha. Ao levantar a lápide o achador viu imediatamente o círculo cor de tijolo que desenhava a boca do vaso; não havia, pois, nenhum outro tipo de cobertura para o vaso senão a própria lápide. Este facto sugere logo três hipóteses de articulação da «história» entre a urna cinerária e a lápide.

a) A lápide servia de tampa à urna e foi assim colocada intencionalmente com a face epigrafada, oculta, virada para o solo pelos construtores da tumulação ⁽¹⁾.

b) A lápide, que estivera erguida como uma estela, tombou sobre a urna pouco tempo depois de ter sido implantada; nesta hipótese temos de considerar que a urna não estava coberta, ou coberta, então, por material perecível como tecidos, madeira ou mesmo cerâmica frágil (neste caso cujos fragmentos se misturaram com os da urna).

c) A lápide, neste monumento funerário, é um mero elemento de construção reaproveitado, e serve, efectivamente, como em a), de tampa à urna.

O «croquis» que apresentamos na fig. 1 procura reconstituir, em corte, a mecânica lápide-urna, neste monumento.

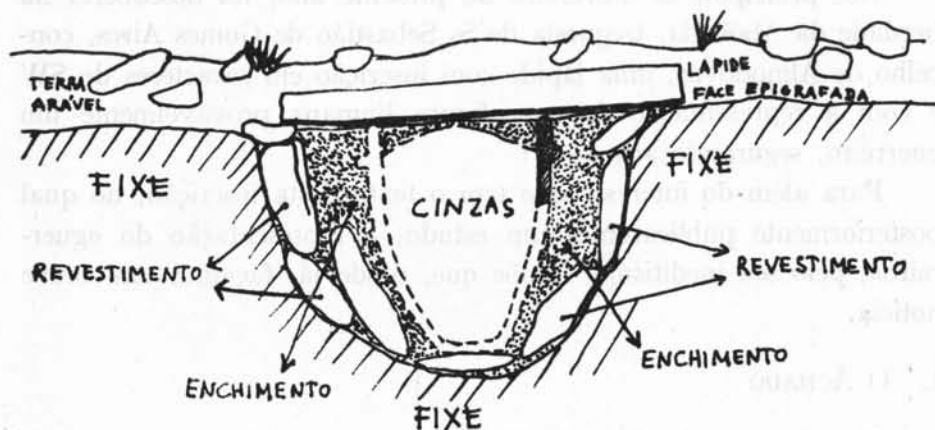


Fig. 1

Quando visitámos o local, não só identificámos a vasilha como urna cinerária cujo perfil avaliámos por um fragmento de bordo, v. «croquis», embutida numa cavidade da rocha ligeiramente revestida por pequenas placas de xisto, xisto brando, aliás, da mesma natureza do que forma a rocha, o fixe do cabeço, como localizámos aí uma necrópole onde por limpeza sumária do terreno, num quadrado

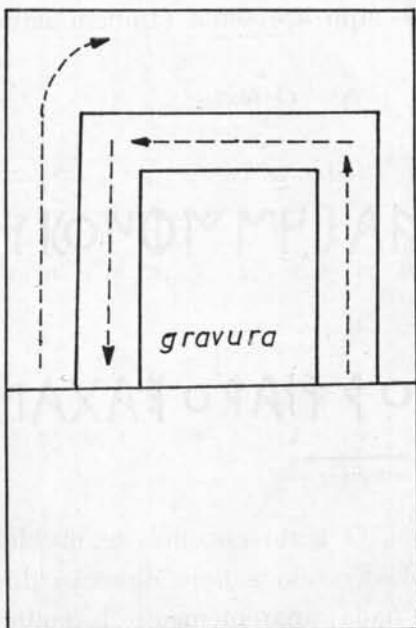
(¹) Ver as circunstâncias do achado da inscrição II da Necrópole da Herdade do Pego in M.^a Manuela Alves Dias, Caetano de Melo Beirão e Luís Coelho, *Dois Necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia Preliminar)* in «O Arqueólogo Português», III série, IV, Lisboa 1970, p. 189.

de 3 m × 3 m pusemos a descoberto dois monumentos do tipo *a*) já descrito na nossa notícia sobre as necrópoles de A-do-Mealha Nova e do Pego ⁽²⁾. Esta urna cinerária centrava-se, ao que nos pareceu, num monumento do mesmo tipo.

Devido à humidade do terreno e à fragilidade dos fragmentos da urna que juntamente com parte do recheio do interior desta tinham sido retirados pelo achador, por seu pai, e outros familiares, não nos pareceu conveniente remover o que restava, optando, portanto, por deixar o monumento coberto por uma camada de areia lavada, que preencheu assim o espaço ocupado anteriormente pelas cinzas retiradas.

2. A LÁPIDE

O suporte é de xisto amarelado, vulgar na região, a sua forma inscreve-se num rectângulo de 90 cm × 60 cm; as duas faces, anterior e posterior, foram alisadas de forma a obter uma lâmina, mais ou menos regular, que tem 8 cm de espessura média.



Representação esquemática da zona epigrafada

⁽²⁾ *ibid.*, p. 177.

Atendendo à área epigrafada, observamos que a lápide está dividida no sentido da largura por um traço, de lado a lado, que separa a zona epigrafada da não epigrafada; sobre esta linha assenta uma cartela, de ângulos rectos, em forma de u invertido com 10 cm de largura e que interiormente deixa livre um rectângulo com 22 cm × 18 cm aproximadamente.

É curioso notar que no reverso da lápide foi, muito levemente, ensaiada esta mesma distribuição de espaço.

No topo superior, sobre a cartela, localizam-se dois orifícios bastante patinados — trazem à ideia como que pequenas «fossettes»; há no interior da cartela, no 2.º braço, um outro orifício de pequenas dimensões que tanto poderia ter sido obtido por punção intencional como ter resultado da corrosão de um agente biológico.

No chanfro esquerdo da pedra nota-se um ferimento recente, feito pela relha do arado que a levantou; todo o lado superior direito sofreu bastante erosão, devida talvez ao corrimento de águas pluviais — aqui apresenta também uma pátina antiga.

A) O texto:

1) Dentro da Cartela

2) No Limite Direito da Pedra

O texto encontra-se dividido em duas partes, cada uma delas obedecendo a uma direcção diferente do desenvolvimento da escrita e nada, aparentemente, fazendo supor que o texto tenha aí uma interrupção ou uma descontinuidade intencional. Esta duplicidade de direcção da escrita numa mesma lápide é um facto a frisar cuidadosamente pois que implicitamente pressupõe uma valoração cronoló-



gica, dentro da história da própria escrita, que por ora ainda não sabemos evidenciar. Por outro lado, o articulado do sinistrorso com o dextrorso nesta inscrição sugere a ideia de um «boustrófedon» desdobrado (3).

É de notar a rareza dos signos 5 e 20 da primeira linha da transcrição (4).

Esta inscrição pertence ao grupo $\Psi\Theta\Pi\Omega$. O grupo $\sigma\eta\lambda$ foi afastado para o braço dextrorso da inscrição; recordar a sua ausência na inscrição II da Necrópole da Herdade do Pêgo (5).

B) *A representação humana*

No rectângulo central está representada, de uma forma um tanto esquemática, uma figura humana, que confere a esta lápide um carácter de excepção. De facto, a conjugação da figura humana com a escrita dita «ibérica», só nos apareceu num fragmento, (ainda inédito) sob a forma de um cavaleiro.

Existem no entanto outras representações da figura humana, nas chamadas lápides insculturadas do SW peninsular, que quer pela semelhante distribuição geográfica, quer pela colocação cronológica (séc. X a V a.C.) convém referir.

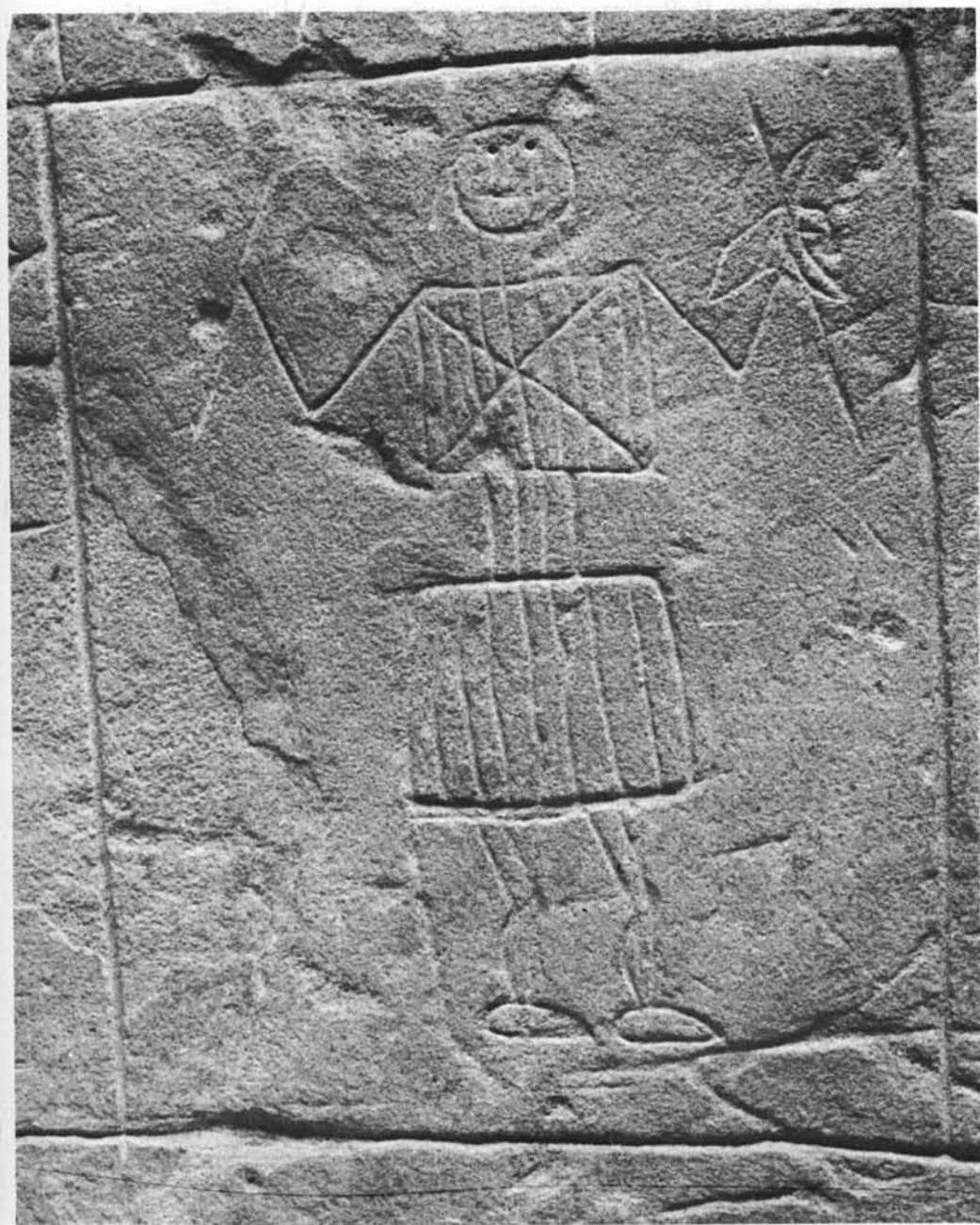
Passando em revista as representações humanas publicadas por M. Almagro (6) verifica-se que a IV, proveniente de Castelo Branco, a XX de Figueiroa (Lagos), e a XXXII de Cortijo (Carmona), apresentam figurações com o «mínimo de vida». Na de Castelo Branco

(3) No interior da cartela a disposição da escrita faz lembrar o «Rechteckspirale» de Ulrich Schmoll in *Die Sudluisitanischen Inschriften*, Wiesbaden 1961, p. 7.

(4) Paralelos em J. Maluquer de Motes, *Epigrafia Prelatina de la Península Ibérica*, Barcelona 1968, p. 145, n.º 299 (XXIII de Gómez-Moreno e LXIV de Hubner) e em M. Gómez-Moreno, *La Escritura Bastulo-Turdetana (Primitiva Hispanica)*, Madrid 1962, p. 49, n.º XXXIII, quanto ao signo 5. O signo 20 conhece-se no n.º 307 de Maluquer (IX de Gómez-Moreno), uma das inscrições do Museu Nacional de Arqueologia.

(5) Luís Coelho, *Inscrições da Necrópole Proto-Histórica da Herdade do Pêgo. Ourique*, in «O Arqueólogo Português», III série, V, Lisboa.

(6) Martín Almagro, *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*, Biblioteca-Praehistorica Hispana, VIII, Madrid 1966.



vê-se um indivíduo a caçar, e nas duas outras, a posição das mãos e dos pés podem facilmente sugerir movimento. As restantes têm os pés e as mãos caídas, e não raro estes estão representados de frente, completamente estendidos, dando a impressão de representarem indivíduos mortos, como muito claramente se pode ver no n.º XXVI.

Contrariamente a representação da nossa lápide mostra um indivíduo que levanta armas nas duas mãos, e que nada tem de morto.

Usa uma túnica curta, que parece incluir o pescoço, a julgar pela uniformidade de representação; a cintura é marcada por um notável estreitamento. Sobre o rectângulo que forma o peito foram traçadas duas diagonais (¹). Convém notar que para a cintura e para o pescoço usou-se o mesmo grafismo, o mesmo número de riscos, e cuja distância é sensivelmente a mesma.

A cabeça é formada por um círculo, no interior do qual dois pontos assinalam o olhos; o nariz e a boca são representados esquematicamente por traços rectos. Dois riscos laterais, tangentes à circunferência da cabeça podem ser interpretados como cabelos. Ou a representação muito sumária de tranças.

Os braços, sob a forma de duas linhas quebradas a marcar os cotovelos, partem dos cantos superiores do rectângulo que forma o corpo, e elevam-se ligeiramente acima deste, para suportar uma «arma» na mão direita e três na mão esquerda. Contudo a demasiada linearização não nos convence da sua função de suporte. Esta impressão é estimulada pelo desenho das pernas, com os músculos bem marcados, procurando um efeito volumétrico. Pode-se mesmo dizer que o contraste entre a representação das pernas e a dos braços é a característica mais flagrante da gravura.

Os pés, desenhados de lado tal como as pernas apoiam a parte da frente sobre uma linha oblíqua que vai de lado a lado do rectângulo interior formada pela cartela.

(¹) Tem paralelo na estela menhir de Troitosende (Pontevedra), M. Almagro, *Las Estelas...*, lám. XL, n.º 2. Em Gérard Nicolini, *Les Bronzes Figurés des Sanctuaires Ibériques*, Presses Universitaires de France, Paris 1969, pp. 158-159, fig. 11, trata-se de uma peça da colecção Halleman (proveniente de Castellar de Santisteban) onde igualmente ocorre uma grande semelhança nos chamados «cordões».

Nas armas ⁽⁸⁾ que temos encontrado em escavações de necrópoles com escrita dita «ibérica» notam-se várias constantes, como por exemplo as lanças de alvado, os cotos de lanças, e as faquinhas de pequenas dimensões. Quanto às lanças e aos cotos, podem ser incluídas no grupo das «Alcácerlanzen» de W. Schüle; no que respeita às facas, há inúmeros paralelos na região, parecendo ser a característica até agora mais intimamente ligada com as lápides escritas, chegando mesmo a aparecer em túmulos que as incluem ⁽⁹⁾. As «armas» representadas na gravura não coincidem com aquelas que temos encontrado nas necrópoles, senão vejamos:

- mão direita — uma vara sem nenhuma terminação que lhe possa conferir o carácter de arma;
- mão esquerda — uma vara com terminação em lança, que tanto pode ser considerada uma lança propriamente dita, como uma seta;
- uma representação em forma de crescente, que pode ser entendido como uma representação de um escudo, visto de perfil, ou como um arco;
 - um objecto em forma de losângulo, com um prolongamento rectangular num dos vértices, que não podendo ser considerado como uma alabarda por falta do sistema de encabamento, seria hipoteticamente considerado um punhal.

Portanto, só a primeira arma descrita para a mão esquerda da gravura, a tratar-se de uma lança, se poderia adaptar aos exemplares aparecidos nos túmulos; e mesmo neste caso se poderia objectar que a sua pequena dimensão não está proporcionada com a figura hu-

⁽⁸⁾ Nicolini, *op. cit.*, p. 171, ao classificar as armas representadas nos bronzes dos santuários ibéricos aponta esta característica: «L'artiste a dû naturellement simplifier le rendu, mais, dans la plupart des cas, il a également sacrifié les proportions, au point que l'on arrive á confondre les poignards et les épées, surtout lorsqu'ils sont leur fourreau, et les différents boucliers, quelquefois réduits à des petits disques qui ne dépassent guère la largeur du poing».

⁽⁹⁾ Recordar o nosso artigo *Dois Necrópoles...*, «O Arqueólogo Português», III série, IV, Lisboa 1970, pp. 187-189.

mana. No entanto, se o segundo objecto descrito fosse considerado um escudo ⁽¹⁰⁾ a lança estaria em proporção com este, tendo as «armas» no seu conjunto uma representação «atrofiada», o que também está coerente com a fragilidade posta na representação dos braços da figura.

Esta inscrição que motivou variados episódios por causa da sua posse, encontra-se hoje no Museu Regional de Beja, onde foi depositada por António Vitorino de Matos.

Mais tarde, nesta necrópole, encontrou o nosso companheiro de prospecções, Caetano de Melo Beirão, um fragmento de uma outra inscrição.

Talvez esta estação arqueológica se venha a revelar de uma riqueza epigráfica tão significativa como a do Pêgo.

S U M M A R Y

The authors present a new stella of the so-called S.W. Inscriptions, particularly important because, for the first time, together with this still undeciphered language we get a glimpse, through a schematic representation, of these scarcely known people and who hitherto made their appearance as an incinerated heap of ashes.

Due to the approximate geographical and chronological location to the said decorated stellas of the peninsular south-west a comparison was made.

R É S U M É

Les auteurs présentent une brève note sur une inscription aux caractères ibériques du S.W. Peninsulaire en se penchant particulièrement sur une figuration humaine qui, pour la première fois est jointe à l'écriture et qui donne à ce monument epigraphique un intérêt exceptionnel. À cause de sa distribution géographique on met les stelles du S.W. en comparaison avec notre monument.

(10) Parece-nos mais certa a classificação de escudo, que caberia no tipo 7A de Nicolini: escudo redondo côncavo com umbo central; embora no nosso caso o côncavo do escudo tivesse uma representação exagerada.